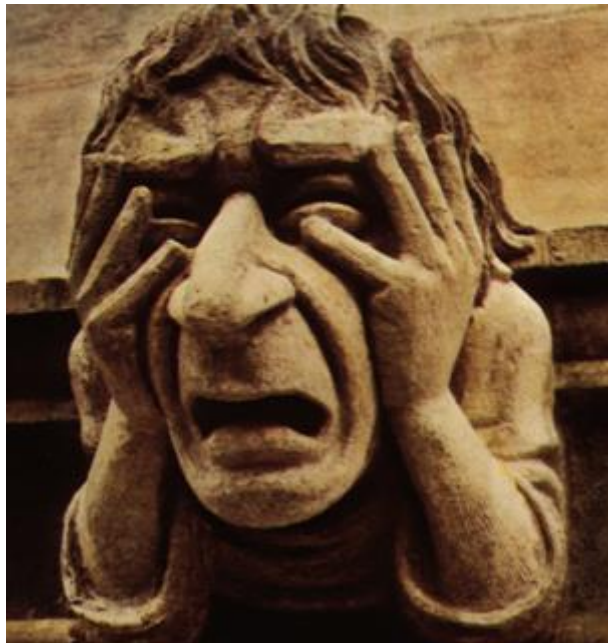


Resenha - O Mal estar na civilização

Por Jonas Farias de Barros ou Ubaldino de Barros em
01/07/2015 às 19:40 hs.



A psicanálise política ou social de Freud, para ser compreendida deve-se entender seus três conceitos: Superego: Responsável pela estruturação interna dos valores morais. É um freio que permite os indivíduos viverem em sociedade. É um repressor: “*Não faça isto, não faça aquilo*”. O superego é formado pelos fatores sociais, morais, culturais que são adquiridos no convívio em sociedade, tais como: na escola, na família, etc. Id.: Constituído pelos impulsos e instintos inatos que motivam as relações do indivíduo com o mundo. É um processo primário que busca sempre a satisfação geradora do prazer. Algo indomável dentro de nós não querendo obedecer ao Superego, que é a voz da razão. Ego: É um intermediário e não existe sem o Id. O Ego existe para chocar-se com: Id. e Superego e tomar assim a melhor decisão, ou seja, não é radical como o Superego e nem liberal como o Id. Quando o Ego, não consegue dosar o Id, é que teremos toda a espécie de patologias psicopatológicas, como o Fetichismo, Masoquismo, sadismo, machismo, homofobismo, xenofobismo, o niilismo, sexismo, autoritarismo, etc., (RAPPORT;FIORI;DAVIS, 1981, p,20-5).



De acordo com Freud, as civilizações se devolvem quando o novo solapa o velho. No tempo de Freud, Roma já era uma metrópole, construções como o coliseu e os grandes fóruns que foram marcos arquitetônico da Roma Antiga, já tinham se extinguido. A Roma que Freud conheceu também não é a mesma a

qual conhecemos. Em resumo as construções de uma cidade são como seus cidadãos, porque vão se depreciando no tempo e são substituídos. Mas há uma diferença entre cidades e homens, pois as cidades não possuem um organismo mental, ao passo que os homens, são dotados deste organismo (Freud, s.d., p. 08).

A sociedade, na opinião de Freud, conforme o descrito supra, iniciou-se com uma rebelião, antes existia apenas uma horda primitiva liderada pela relação de um pai macho, cuja força subjuga os demais à subjetividade de seu superego. Na medida em que a horda cresce, os homens se reconhecem como indivíduos e não estão dispostos a aceitar às imposições da subjetividade paternalista. Iniciam-se os conflitos que se agravam, o poder do pai da horda, sustenta-se apenas por sua força, então os homens da horda primitiva, se unem e matam o líder paternalista e darão origem à sociedade como a conhecemos (Rozitchner, 1989, p. 48-9).



A sociedade nasce com o derramamento de sangue, no crime de parricídio. Para Freud, a convivência em sociedade parece ser um eterno conflito Edipiano, pois a primeira forma de repressão psicológica inicia-se na infância, quando a criança e o pai duelam pelo amor e atenção exclusivo do amor da mãe. Neste enfrentamento psicológico, o infante através de seu *Id.*, deseja a morte do pai e chega a matá-lo mentalmente. O *Ego* da criança a faz compreender que nutre ódio e amor pela figura paterna, este porque lhe priva do amor da mãe e aquele porque precisa de proteção, já que sua fragilidade não lhe permite enfrentá-lo, logo retrocede em seu ódio e submeter-se às leis do *Superego* do pai. A criança cresce regrada e o Estado aproveita-se desta primeira repressão familiar para que depois, ele próprio, perpetue sua dominação de forma pacífica através das instituições escolares, de modo que a dominação do homem segue

os seguintes passos: Édipo - Família - Escola - Economia - Estado - Religião (Rozitchner, 1989, p. 33;149).

O convívio em sociedade, no ponto de vista de Freud, após ser estabelecido foi o grande responsável por tornar árdua a vida dos homens. Para suportar a monotonia da vida é que muitos homens recorriam às drogas, religião, trabalho, estudos, passatempos como válvulas de escape, com o intuito único da vida não se tornar monótona. Freud dá como exemplo o Candido de Voltaire, no qual o herói Voltairiano só encontra consolo para seus sofrimentos existenciais na medida em que se dedica com zelo ao trabalho (Idem, p. 08).

A sociedade para Freud:

...o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se abandonássemos e retornássemos às condições primitivas. Chamo esse argumento de espantoso, porque seja qual for a maneira porque possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte desta mesma civilização(Fred, s.d, p. 15).

O homem primitivo desconhece todas as desgraças da civilização que foram dadas ao civilizado. A ferrovia retirou os homens de seus lares, porque a sociedade inventou a carência de mão de obra, mas o homem que abandona seu antigo lar não está satisfeito. Ele parte com o falso ideal que deve sobreviver e abandona a antiga família. A sociedade agora alimenta a saudade de modo que quem partiu agora tem a necessidade de comprar telefone para falar com seu ente queridos, ou trocar cartas. O capital circula, graças às necessidades criadas pela sociedade (Ibid., p. 16 e 31).

Ávida em sociedade faz a humanidade sentir-se a senhora do mundo, ou seja, assemelhar-se a Deus, pois a humanidade: Domina as forças da natureza, extinguiu injustamente os animais selváticos tidos como violentos, inventou a escrita, as ferrovias, os aviões, as curas de doenças, o telescópio, microscópio, o óculos e mais um sem fim de coisas, mas só não conseguiu inventar um remédio que torne a humanidade feliz, pois em algum momento, a humanidade definha na sua infelicidade da civilização (Ibid., p. 19).

Freud, parte então para compreender a civilização, que só é possível de ser vivida, na medida em que o indivíduo é capaz de abrir mão de seu livre arbítrio e submeter-se à vontade da maioria. Se ele é capaz disto, isto significa que ele é um homem civilizado, capaz de conviver em sociedade. Como exemplo, a sociedade cria as leis que já nascem com o intuito da punição a quem lhe violar (Ibid., p. 21).

Viver em sociedade é interagir com todos, mas o direito de conviver com determinados grupos, como: partidos políticos, família, grupo religioso, escolar, etc., porém tal grupo impõe determinado regras a seus frequentadores, os quais por muitas das vezes vão querer impô-las à sociedade tendo assim o conflito com outros grupos. O convívio familiar é um exemplo. Há famílias mais tradicionais que exigem a virgindade, a monogamia, a proibição do aborto e o casamento heterossexual e outras famílias mais liberais, cujos pensamentos chocam-se quando encontrados no convívio em sociedade (Ibid. p 26-6). Vejamos:

A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado à sexualidade como fonte de prazer por si própria, só sendo tolerada, porque até o presente momento, não existe para ela um substituto (Ibid. p. 26).

Proibições da “libido” como a supra exposta por Freud foi o que levou muitos homens ao conflito, quer seja pela manifestação intelectual, quer pela revolta e agressão aos ditadores da proibição, bem como houve aqueles que se calaram transferindo a violência da libido para seu próprio “eu” surgindo o neurótico e psicótico na sociedade (Ibid. p. 27).

Segundo Freud, a sociedade ao elaborar suas leis, não foi capaz de inibir a violência entre os homens, ou seja, ela não foi um remédio, que baseada na opressão poria fim ao conflito, mas pelo contrário mesmo com a lei os homens entram em conflito. Segundo as interpretações de Freud, os comunistas acreditavam que os homens a priori são bons, porém a imposição da propriedade privada fez com que eles entrassem em conflito, pois o desprovido de recursos passa a ser humilhado e isto o faz rebelar-se contra seu opressor, logo o fim do conflito viria abolindo-se a propriedade privada (Ibid., p. 28).

Freud advogou que o fim da propriedade privada poderia até por fim aos conflitos financeiros, mas não poria um fim definitivo à hostilidade dos homens, já que estes transfeririam

a agressão a novos campos, tais como o sexual, causada por ciúmes, traições, cobiças, inveja, crimes passionais, etc., o qual foi denominado por Freud, como o narcisismo das pequenas diferenças, que é o maior impedimento à civilização (Ibid., p. 30 e 35).

Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os incitam a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar a sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apodera-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento e matá-lo (Idem, p.29).

“Amai ao próximo como a ti mesmo”. Para Freud é uma máxima ,que também não pode, por hipótese alguma, levar à estabilização da sociedade, pois ela se falsifica, pois há pessoas que amamos mais que outras e isto se dá por causa da convivência, logo podemos chorar a morte de um parente de um amigo próximo, que nem conhecemos, mas não é possível chorarmos a morte de um próximo que não temos afinidade. Esta mesma máxima nega-se, na medida em que exclui os animais, que também vivem conosco neste planeta. A terceira exclusão da máxima se dá, porque ninguém é capaz de conhecer as intenções do seu próximo as quais podem estar carregadas de maldade, agressividade, abusos (Idem,p. 28-9).



A ética, deve portanto, ser considerada como uma tentativa terapêutica - como um esforço por alcançar, através de uma ordem do superego, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais. Como já sabemos, o problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo à civilização - isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua; por isso mesmo, estamos particularmente interessados naquela que é provavelmente a mais recente das ordens culturais do superego, o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo (Idem, p. 47).

O Estado organiza seu aparato de dominação, porque teme a revolta de seus súditos no ato de parricídio contra o próprio Estado, e é por isso que quando se conquista uma cidade e não se extermina seus cidadãos, o conquistador impõe uma guarnição ao conquistado, para inibir o desejo de agressão dos seus indivíduos, enfraquecendo-os e desarmando-os. Por fim, quando definitivamente incorporada, ou quando surge a noção da Nação, o Estado impõe sua dominação graças à moralidade e à ética, logo mesmo se alguém pensar em fazer alguma coisa, que fuja aos padrões desta moralidade, mas que na verdade não é imoral, então lhe advém à mente a sensação de remorso. Em suma, o Estado cria as restrições para impedir que os filhos voltem a cometer o parricídio (Idem, p. 36 e 40). Vejamos:

Conhecemos, assim, duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego... a agressividade da consciência continua a agressividade da autoridade (Idem, p. 38).

Referências

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise. Vol. 20. Edição eletrônica, disponível para consulta em:

<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/12/obras-completas-de-sigmund-freud-23.html>

RAPPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS Claudia. *Psicologia do desenvolvimento* – São Paulo: EPU, 1981.

ROZITCHNER, Leon. *Freud e o problema do poder* – São Paulo: Escuta, 1989.

**Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do
ABC - UFABC**

Jonas Farias de Barros

Planejamento urbano e o conflito com o poder

*Projeto de pesquisa apresentado ao
Programa de Pós-graduação em
Filosofia da Universidade Federal
do ABC - como requisito parcial
das Atividades de Pesquisa.*

*Área de Pesquisa: Ética e Filosofia Política – Eixo 03: A interdisciplinaridade na
pesquisa em ética e filosofia política – Temática Específica: A interpretação da
sociedade moderna por diferentes modelos de teoria crítica e as implicações éticas e
políticas da psicanálise.*

(Orientador): Professora Dra. Marília M. Pisani e ou Professor Dr. Daniel Pansarelli

São Paulo 22 de junho de 2015

1. Resumo

Para melhorar a vida nas sociedades precisa-se confiar no outro. Hobbes, quando escreveu o Contrato Social, argumentou que a sociedade surgiu, porque os homens vivendo livres na Natureza, no qual a *androfobia* de ser tomado de assalto, ou de ter a integridade física ameaçada, impossibilitava a socialização. Este Estado de Insegurança, Hobbes denominou de: *Guerra de todos contra todos*. Para entrar em sociedade foi necessário que os homens se reunissem e elessem um Soberano e lhes entregaram não só as suas liberdades, como também depositassem neste líder, toda a confiança individual, para que este líder, eleito, pelo sufrágio nacional, organizasse o Estado e os governassem.

Segundo Foucault, o *Estado* quando se formou foi se burocratizar, por causa das desconfianças recíprocas. Criou-se o chefe, que supervisiona os encarregados, que supervisionam os trabalhadores. Criaram-se as leis, a polícia e outras autoridades, para ensinarem aos homens à ética, já que se supõe que eles só desenvolvem-na pelo medo da punição. A sociedade formou-se, e como nos ensinou *Freud*, vamos ter o mal estar na Civilização, pelo excesso de burocratização para supervisionar e reger o outro.

O problema da humanidade está no outro. Convive-se com o outro, precisa-se do outro, mas desconfia-se do outro (androfobia) e afasta-se- do outro. A desconfiança no outro, faz o homem sair da *anarquia* elegendo um *soberano patriarcal*, que se tornou tirano e os cidadãos cometem o parricídios. Surgiu-se: Presidencialismo, Republicanismo, Comunismo, Socialismo, Capitalismo, Feudalismo, uns solapando os outros graças às interações de desconfiança, divergências e medo entre os homens na sociedade.

Rousseau e Nietzsche argumentavam que a convivência em sociedade, desgastou as relações, fez surgir às desigualdades, como: misérias, medo, opressão, falso moralismo, trabalho escravo, torturas, governos totalitários, guerras, ideologias e intolerâncias de toda a espécie, ao passo que o desespero predominou, de modo que alguns renegaram sua condição de cidadão e voltaram a viver como selvagem. Para

Nietzsche, é na sociedade que conhecemos o niilismo tornando-a manicomial, já que a convivência torna os homens: temerosos, depressivos e desgostosos da vida.

2. Introdução.

O Presente trabalho vai fazer abordagens: históricas, filosófica e social valendo-se da Psicanálise Política para elencar, os principais conflitos existenciais gerados pelo Planejamento Urbano despótico do aparato Estatal. O estudo tem como meta demonstrar que a convivência em sociedade desenvolve nos homens: medo, ganância, ira, exploração, etc., mas é também no convívio democrático, que através da dialética e da reflexão que se encontra: a paz, a solidariedade, a fraternidade, quando Estado e seus cidadãos podem dialogar e refletirem juntos nos erros e substituir antigas crenças do Superego e formando juntos um Superego novo e que seja realmente ético.

Rozitchner com base em Freud acredita que a prática filosófica constituiu uma terapia para a psicanálise, porque expressa o debate presente no âmbito da história e a tentativa de produzir uma maneira sistematizada de pensar as contradições e propor novas soluções de forma racional para o *Superego*, a partir do *Ego* do sujeito que *seja capaz de raciocinar do passado ao presente e do presente ao cosmo*.

A psicanálise política é uma terapia, que cura, não pela farmacologia, mas sim pela dialética, porque é responsável por não deixar que o homem desvie-se do caminho do esclarecimento. Este projeto, num primeiro momento, adota como meta de reflexão a Psicanálise Política de Freud e num segundo momento aborda as preocupações filosóficas do Niilismo de Nietzsche e da descrença à sociedade de Rousseau, bem como das abordagens psicanalíticas e filosóficas de Rozitchner e Onfray, os quais muito bem explanam que *androfobia* pode ser compreendida, porque os homens como indivíduos ou o Estado como Administrador, não se atentaram em controlar seus ímpetos existenciais da *agressão*. Por fim abordar-se o Materialismo dos comunistas, que acreditavam que a *agressão* entre os homens se dá, porque existe o eterno conflito pela posse da propriedade privada, que separa os homens entre opressores e oprimidos.

3. Objetivo

Neste projeto, pretendo através do uso da filosofia e da psicanálise, demonstrar a obrigação do filósofo como intelectual, que quando inserido como um membro do Poder Estatal deve dedicar-se a servir à sociedade e discutir assuntos polêmicos, trazendo-os para uma abordagem com a sociedade, mas jamais os escondendo dela, como também estar incumbido de fazer o povo pensar. Rozitchner, vítima da ditadura militar Argentina, instruiu que houve um tempo, que filosofar era um artigo de luxo. Quem desafiou teve tatuado no corpo a marca: tortura, exílio ou morte, tais como: Hanna Arendt, nos campos de concentração, Galileu Galilei.

Almeja-se também, incentivar políticas públicas para inibir o nascimento das intolerâncias ou segregações, pois no século XXI, ainda estão presentes nas sociedades: decapitações, apedrejamentos, espancamentos, torturadas, chacinas e punições às condutas sexuais consideradas imorais.

Pretende-se refutar, através da ética prática, ideias que culminaram no machismo e especismo derivadas do Superego de filósofos como Platão, Aristóteles, Nietzsche, Kant e a Bíblia que tratam as mulheres, os animais e os desprovidos de recursos, como sendo seres inferior, cuja teoria foi o pontapé inicial para diversas formas de segregação e exploração, tais como: escravidão, sexismo, machismo e especismo.

4. Justificativa

4.1 O Nascimento da Sociedade no Contrato Social e as refutações de Freud, Nietzsche e Rousseau.

Para Hobbes a Criação do Estado pôs fim às competições entre os homens levando-os à harmonia, já que o Estado de Natureza era uma anarquia, porque o forte ataca os fracos, os fracos os fortes e origina-se a Guerra de todos contra todos, pois nela impera-se o livre arbítrio. Sem leis não há: garantias, proteção dos bens, da vida, não há o direito à herança nem à propriedade, já que se toma a terra, as posses e a família do outro pelo uso da força (Hobbes, 2005).

A justiça e a injustiça pertencem ao homem em sociedade. Nela há proteção e direitos, graças aos acordos que se firmam. No Estado Civil é comum dormir com janelas e portas fechadas, por o dinheiro no cofre e se armar quando for vigiar. É comum uma nação espionar a outra, porém, em qualquer caso há a possibilidade de punição aos infratores (Idem, 2005).

Segundo Hobbes, quando o pacto entre os homens é assinado e escolhe-se o Soberano, significa que todos aceitam perder a Liberdade Natural ou Livre Arbítrio a fim de submeterem-se às ordens do Soberano, que os governarão com equidade. Por equidade entendem-se alguns dos seguintes direitos dos súditos: exercer o livre comércio, ter propriedade privada, escolher a alimentação, a profissão, o cônjuge, o método de educar os filhos e o direito preservar a vida, dentre outros (Ibid., 2005).

Nesta filosofia, todos (soldados, homens e mulheres) são obrigados, em caso de guerra, a enfrentar o inimigo para proteger o Estado, não tendo a liberdade nem de fugir e nem de se entregar, salvo ordens do comandante, pois a obrigação de defender o Estado é de todos e se dá pelo *dever*, pois se os súditos deixarem o Estado morrer, então foi em vão o pacto que fizeram para criá-lo (Ibid., 2005).

Freud no desenvolvimento de sua psicanálise política nega a teoria de Hobbes, tida como uma ideologia de dominação das massas. De acordo com Freud, esta

dominação psicológica imposta ao homem, pelo poder Estatal (capitalista, socialista, etc.), não é percebida quando eles fazem uma análise da história da humanidade, porque perceberão apenas, que o *conflito* sempre esteve presente nas relações humanas. Para interpretar adequadamente como nasce, cresce e se enraíza o *conflito* foi necessário o aperfeiçoamento da psicanálise, como ciência histórica, que coleta os dados históricos e demonstra que o Estado *paternalista* organiza o psicológico dos indivíduos, bem como é capaz de explicar as patologias mentais: neuroses e psicoses que se desenvolvem nesta relação de submissão (Rozitchner, 1989).

As interpretações da psicanálise, a priori, chocam o *Superego do especismo* humano, na medida em que Freud afirma que a espécie humana sofreu 03 feridas mortais em seus estágios. A primeira quando Copérnico provou que o Planeta Terra não era o centro do Universo. A segunda quando Darwin demonstra que o homem não foi criado pelas mãos de Deus e nem a mulher da costela de Adão, mas sim que ambos vieram graças às evoluções das espécies. A terceira com o desenvolvimento da psicanálise, que descobriu o Inconsciente dos humanos e o interpretou com eficiência, as suas inclinações quer para o bem ou para o mal (RAPPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

A psicanálise política de Freud baseia-se em três conceitos fundamentais: Superego: Responsável pela estruturação interna dos valores morais. Um repressor: *Não faça isto, não faça aquilo*. O superego é formado pelos fatores sociais, morais, culturais que são adquiridos em convívio com a sociedade: escola, na família. Id: Constituído pelos impulsos e instintos inatos que motivam as relações do indivíduo com o mundo. Processo primário que busca a satisfação geradora do prazer não querendo obedecer ao Superego. Ego: É um intermediário entre o desejo e a realidade e não existe sem o Id. O Ego existe para chocar-se com o Id. e com o Superego e tomar a melhor decisão. Quando o Ego, não consegue dosar o Id, surgem, no indivíduo ou no Estado as patologias psicopatológicas: fetichismo, masoquismo, sadismo, racismo, niilismo, especismo, sexismo, autoritarismo, etc. (RAPPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

Rozitchner explicou que Freud acreditava que a primeira forma de repressão psicológica inicia-se quando a criança e o pai duelam pelo amor e atenção exclusivo da mãe. Neste enfrentamento psicológico, o infante através de seu *Id.*, deseja a morte do pai e chega a matá-lo mentalmente. O *Ego* da criança a faz compreender que ela nutre simultaneamente, ódio e amor pela figura paterna, porque este, embora lhe prive do

amor da mãe, em contrapartida também lhe dá proteção, logo a criança retrocede em seu ódio e submete-se às leis do *Superego* do pai, mas cresce regrada por esta subjetividade. O Estado aproveita-se desta repressão e perpetua sua dominação através: Édipo – Família – Escola – Economia – Estado – Religião (Rozitchner, 1989).

Segundo Freud, A sociedade iniciou-se com uma rebelião, outrora existia apenas uma horda primitiva liderada pela relação de um pai macho, cuja força subjuga os demais à subjetividade de seu próprio superego. Na medida em que a horda cresce, os homens se reconhecem como indivíduos e não estão dispostos a aceitar às imposições da subjetividade paternalista. Os conflitos se agravam e os homens se unem e matam o líder paternalista e dão origem à sociedade como a conhecemos, sem ter a possibilidade de ruir ao estágio inicial de natureza. (Freud, 1978).

O poder do pai da horda difere-se do poder do pai de família, que difere do poder paternalista Estatal. O primeiro lida com homens adultos e evita o parricídio pela própria força, o segundo com uma criança em formação que não tem forças suficientes para enfrentá-lo. O terceiro teme o parricídio e elabora seu aparato de repreensão psicológica: Exército, Igreja, Relações econômicas, para barrar o perigoso desejo de agressão dos seus indivíduos de modo que o poder Estatal consegue regar a própria subjetividade conturbada do louco. (Rozitchner, 1989). Vejamos:

Pinel recorre à outra fórmula: corrigir a imaginação “louca” do enfermo – o imaginário que quebrava a racionalidade e a ordem real do sistema social – para que esta imaginação se mantivesse nos limites preciosos e não ultrapassasse o autoziado e o aceitável... De maneira tal que se “curava” o doente tratando de restringir esse âmbito transbordante do imaginário para que voltasse a encontrar seus limites adequados no reforço das estruturas de dominação paternalistas, despóticas, as quais voltavam a desenvolver-se e incluir-se, como modelos sociais, dentro dos limites do internamento. (Rozitchner, 1989, p.18).

Michel Onfray em seu livro: *A potência de existir* escreve um relato atual de uma das muitas técnicas rudes do aparato Estatal: “*Eu morri aos 10 anos em novembro de 1969 até os 14 anos de idade*”, frase do autor referindo-se ao momento em que foi posto no orfanato, descrevendo-o como um ambiente carceral, com um lixão ao céu aberto ao seu redor e nos jardins as estátuas de Dom Bosco e Dom Sávio tinham olhares pedófilos. Os broncos formavam-se em *padeiros ou cozinheiros e os inteligentes em padres*, porém os livros e a leitura eram controlados pelos próprios Padres (Onfray, 2006).

Os internos eram conhecidos por códigos, sinônimo de abandono. 490 era o de Onfray. A longa permanência no Orfanato levou Onfray a lavar as roupas dos garotos, neste local encontrava o refugio de poder respirar um odor suave do cheiro das roupas e ter assim a infância preservada, porque no orfanato o cheiro fétido de suor, sujeira e masturbação eram comuns nos padres e nos internos. (Onfray, 2006).

No orfanato, os padres ensinavam o amor ao próximo, mas imperava o ódio. Os calouros eram humilhados pelos veteranos. Nos jogos esportivos, um duelo entre fortes e fracos, taxados de “mulherzinha”, o mais grave insulto no orfanato. Os padres assediavam sexualmente os garotos: nos estudos, na hora de dormir, na prática de esporte. O banho uma vez por semana. Quando as luzes se apagavam o padre fazia a ronda. Neste horário eram proibidas as conversas. Houve uma vez, em pleno inverno, um dos padres que fazia a ronda escutou cochichos. Os 120 internos foram obrigados a dormir ao céu aberto recitando poemas religiosos. Onfray expressou-se: “... *esta tarde eu não chorei. Eu prometi jamais chorar... somente o sofrimento ou a morte de pessoas as quais eu amo, me faz hoje derramar lágrimas*” (Idem, 2006, p.41 - tradução do autor).

Onfray narra também a história de um garoto que se recusou a tomar sopa de tomate com vermes e sangue de boi, o qual foi violentamente erguido pelos cabelos, lançado ao chão e chutado pelo padre, ao passo que todos assistiam calados e covardes a surra do menino e ouviam os berros que rompiam o silêncio. O sangue escorria e manchava o chão, castigo que se assemelhava às mortes cruéis impostas aos porcos. “*Eu guardo esta cena do silêncio todos os dias em minha memória*” (Ibid., 2006, p.45, tradução do autor).

A psicanálise de Freud argumenta que o convívio em sociedade, causou um mal estar, porque a vida tornou-se árdua e para suportá-la buscaram-se válvulas de escape: na religião, no trabalho ou drogas. Ademais, “Amai ao próximo como a ti mesmo” é uma máxima que jamais levará à estabilização da sociedade, porque ninguém é capaz de conhecer as intenções do seu próximo as quais podem estar carregadas de maldade, agressividade e abusos (Fred , s.d., p. 28-9). *Vejamos:*

Esse argumento sustenta o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se abandonássemos e retornássemos às condições primitivas... Uma pessoa torna-se neurótica, porque não consegue suportar as frustrações que a sociedade lhe impõe...

enfim de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação? (Idem, p.15-7).

Os comunistas afirmavam que a saída do conflito se daria definitivamente, quando o governo abolisse a propriedade privada, que segregava os homens em ricos e pobres, porém tal premissa psicológica é para Freud, outra ilusão insustentável, pois o duelo entre opressores e oprimidos não se deu pela posse da propriedade, caso houvesse de fato, a abolição dela os homens entrariam em conflitos por diversos outros motivos inexplicáveis, tais como: crime passional, injúria inveja, intolerância, sexismo, o qual denominou como narcisismo das indiferenças (Ibid., p.30).

Tudo que é sólido desmanchou-se no ar e gerou-se propositalmente o desemprego. Os antigos camponeses que tiravam sua subsistência dos campos migraram para as cidades, as quais se tornam verdadeiros aglomerados de homens desesperados em busca de oferecerem sua força laboral para sobreviverem, mas como as condições de vida são precárias, os homens agora estão sem casa ou aglomerados em grandes rincões de pobreza (Bermann, 2006). Vejamos:

Um vasto número de migrantes pobres é despejado nas cidades, que crescem como num passe de mágica – catastroficamente – do dia para a noite. Para que essas grandes mudanças ocorram com relativa uniformidade, alguma centralização legal, fiscal e administrativa precisa acontecer; e acontece onde quer que chegue o capitalismo (BERMANN, 2006, p.90).

A propriedade passou a ser centrada nas mãos de poucos burgueses enquanto a maioria ficou desprovida de moradias, homens e mulheres amontoados nas fábricas, aos poucos as questões morais da religião começaram a ser substituída pelas regras que o capital visava para seu lucro. O Capitalismo gerou cidadãos miseráveis e concentrou nas mãos de poucos vultosos lucros. O calor que destrói é o mesmo que impulsiona as máquinas e ferrovias (Coggiola, 1991).

O Manifesto do Partido Comunista foi para ser apresentado aos trabalhadores mundialmente, com o intuito de adverti-los para que se unissem para enfrentar o capitalismo e substituí-lo pelo comunismo, que poria definitivamente fim ao *conflito* entre opressores e oprimidos, marco de toda a história das relações sociais entre os homens (Ibid., 1991).

Independente se os comunistas estavam certos ou errados, a psicanálise política de Freud adverte, que o eterno *conflito Edipiano* é a angustia do medo que a situação não fuja do controle e leve à humanidade ao enfrentamento aniquilatório de sua existência, ainda mais nos tempos em que a dominação da tecnologia e das forças da natureza, podem provocar sequelas ainda maiores do que as fornecidas pelas Guerras Mundiais.

Corroborando com esta análise, Edmund Husserl, escreveu a *Crise da Humanidade Europeia*, num período em que a Europa foi marcada pela Primeira Guerra Mundial e estava inserida num segundo conflito. Neste contexto de irracionalidade, Husserl pensou numa possível destruição da Sociedade Europeia, caso o *Velho Mundo*, não aproximasse sua Humanidade Europeia pelo diálogo, já que a saída de qualquer crise consiste em abrir mãos das vaidades para depois aproximar-se do outro para dialogar. Sabe-se que reina uma intolerância na sociedade quer para mais quer para menos, e é por isto que o mundo é separado por países, Estados, Municípios e Bairros. Cada um tem sua bandeira, seu patriotismo, seu costume, seu hino, quando na realidade todos deveriam entoar apenas o hino da humanidade, mas nossa racionalidade ainda não está preparada para entoarmos juntos este hino (Husserl, 2006).

Os gregos nutriam uma aversão à *tiranía*, e assim criaram a *democracia participativa*. Aristóteles por sua vez descreveu que a democracia poderia se desgastar e tornar-se uma *demagogia* e que a *aristocracia* se desgastaria em uma oligarquia (REALE; ANTISSEI, 2007).

Os gregos sabiam que havia diversas espécies de manipulação por parte do líder político, pois ele poderia apresentar-se como: simpático, altruísta, sedutor, tímido ou culto para que depois demonstrasse seu caráter tirânico. Foi pelo medo da tirania, que os gregos inventaram a filosofia, que já nasce graças às fobias da sociedade como: o medo da desordem social (*ataxofobia*), medo dos homens (*androfobia*), medo que os homens não se libertassem do mito (*espectrofobia*), medo da falta de conhecimento (*epistemofobia*) ou (*fronomofobia*), (Idem, 2007).

A filosofia por temer as fobias recruta seus filósofos para que esclareçam as pessoas nas praças públicas. O bom filósofo não pode ser *antropofóbico*, mas sim amar os homens, para orientá-los a ter uma vida melhor. É deste período que nasce o combate aos Sofistas, os quais queriam enganar aos homens, dando-lhes o falso pelo

verdadeiro e procurando causar-lhes uma aversão à filosofia (*filosofobia*). É deste período também que nasce a *Ágora*, que eram as praças públicas de discussão política, a qual deu origem à *democracia representativa*, as primeiras reflexões sobre a ética, religião, política, sociedade e mais um sem fim de outras ciências, que culminaram em outras e assim sucessivamente (Ibid., 2007).

Rousseau, no discurso descreve o *Estado Civil*, como um declínio, porque o convívio em sociedade surge males, os quais afligem aos homens antes mesmo da velhice como: depressão pelo excesso de ociosidade, de trabalho, doenças provocadas pela gula, carência de alimentos, de promiscuidade. O Estado Social caracteriza-se pela concentração de renda nas mãos de poucos, predomínio de uma multidão de famintos, que culmina no desespero e nos suicídios. (Rousseau, p. 50; 72).

Rousseau conclui que a servidão não cabe em hipótese alguma ao homem em Estado de Natureza, pois ele é independente, já no Contrato Social a sociedade torna os homens dependentes uns dos outros e a lei do mais forte torna verdadeira e necessária à servidão do mais fraco, em recursos, a se submeter ao mais poderoso economicamente, o que resta a concluir definitivamente que na Sociedade Selvagem não havia nada de mau, porque nela o homem não conhecia nem os vícios, nem as desigualdades, ao passo que na Civil a moralidade vicia os homens, basta ver que é por intermédio dela que se condenam as mulheres a temerem o deboche da sociedade que as conduzem ao aborto. (Rousseau, 1978).

Rousseau acreditava que a sociedade nasceu quando um indivíduo cercou e apossou-se de uma parcela de Terra, outros lhe imitaram formando-se o primeiro esboço de sociedade Civil, a qual seria definitivamente a desgraça do homem (Idem, p. 91). Rousseau descreve:

O primeiro que, tendo cercado um terreno, se lembrou de dizer: Isto é meu, e encontrou pessoas bastante simples para acreditá-lo, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não teria poupado o gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: “Livrai-vos de escutar esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes de que os frutos são de todos, e a terra de ninguém”! (Rousseau, s.d, p. 110).

Os que cercaram a Terra impuseram ao outro a carência. Logo tudo aquilo que o homem retirava livremente da Natureza, está em posse daquele que a cercou. O que ficou desprovido de recursos se sujeita a oferecer sua força de trabalho aos donos da

Propriedade privada. Surgem então diversas necessidades: uma que é do miserável que precisa sobreviver e a outra do proprietário de Terra que quer ampliar seus bens. Deste entrosamento os poderosos exploram os subordinados e os subordinados se submetem às humilhações dos poderosos. Surge um sistema que só é típico deste Estado Civil, em que o mais fraco, porém economicamente poderoso subjuga diversos homens muito mais fortes, porém desprovidos de recursos. Ademais, é na relação de trabalho que os subordinados começam a concorrer entre si e tornam-se rivais (Ibid., 1978).

Rousseau vai demonstrar também que a *Guerra de Todos contra Todos* (Ataxofobia) não está no Estado de Natureza, como havia previsto Hobbes, mas sim que esta Guerra de todos contra todos, nasce com a assinatura do *Contrato Social* (androfobia). As relações de trabalho segregam os homens entre ricos e pobres, torna-os avarentos, ambiciosos, ciosos e maus, “*levanta-se entre o direito do primeiro ocupante, um conflito perpétuo que só termina por meio de combates e morticínios*”, de modo que no Estado Social houve mais mortes violentas do que o Estado Natural (Ibid., 1978, p. 116).

O Estado Civil para Rousseau finge ser um bem que é dado aos homens, mas na realidade é um mal, uma mentira com o intuito apenas de domar os homens e transformá-los em escravos. Os Selvagens perceberam o mal que era viver neste Estado Social e não hesitaram de lutar até o fim de suas forças para repudiar o jugo de exploração, escravidão e desigualdade que lhes seriam dados. Assim Rousseau se expressou: “*quando vejo multidões de selvagens completamente nus desprezar as voluptuosidades europeias e arrostar a fome, o fogo, o ferro e a morte, para não conservar senão a sua independência sinto que não compete a escravos raciocinar sobre a liberdade*” (Ibid., 1978, p. 116).

Para Nietzsche o Contrato Social iniciou-se da astúcia de homens interesseiros que empregaram suas forças voltadas em dominar e explorar os mais frágeis. O nobre, o colonizador, aquele que dá vida à sociedade civil é representado na figura do europeu de cabelo loiro e liso e olhos claros, é o homem puro, fino e culto, ao passo que o conquistado, que vive no Estado Natural, que é negro, ou mulato com olhos escuros e cabelos crespos é rude, degenerado e feio. Inculcando estes juízos de valores, justificaram não só as colonizações, os massacres, a discriminação racial, mas também a escravidão (Nietzsche, 1989).

Nietzsche diz que é o eterno duelo entre opressor e oprimido que caracteriza a vida em sociedade. O Direito, ética e religião se firmaram pela violência que forçaram os súditos a se inclinarem as normas que o colonizador ditava às colônias. Somente depois tanto o direito, como a religião adquirem um caráter de ser um bem, por procurarem recuar as vinganças dos homens, quer pelo medo da punição das leis, quer pelo medo dos castigos e suplícios espirituais. Em suma, cada avanço que o homem fez na terra no campo da moralidade que são hoje um bem, mas que outrora causaram os mais terríveis suplícios, tais como: opressões, derramamento de sangue de seus mártires, lapidação, suplicio da roda, empalamento, esquartejamento, dentre outros. (Idem, 1989).

Os escravos e os plebeus percebiam que não possuíam identidade, pois o que imperou foi a identidade dos nobres: “*Nós os Nobres, nós os bons, nós os formosos, nós os felizes*”. Para o escravo e o plebeu o que lhes é transmitido é que não são nem nobres, nem bons, nem formosos e nem felizes, mas estes excluídos se reconhecem como homens injustiçados, oprimidos, sem recreação, sem descanso levando-os a reconhecer no Aristocrata como opressores, destruidores como responsáveis pelo jugo da servidão e da injustiça. Nasce a vontade da plebe se revelar e romper em si e nos seus companheiros os grilhões da dominação nobre (Ibid. 1989 p. 38).

O Oprimido não se rebela, porque sabe que é fraco é capaz de perdoar o inimigo, pelo medo de enfrentá-lo e os religiosos beijam a mão e a bota dos poderosos argumentando que os deuses os instruem a respeitar as autoridades e que Deus cuidará dos oprimidos e punirá os opressores, porém tanto no primeiro caso, como no segundo ambos estão transpirando de ódio. Deus torna-se a válvula de escape para o oprimido, porque acalma no opressor o ódio que não se manifesta pelo medo que possuem em manifestá-lo. Eis, portanto a verdade do oprimido, fingir ser bom pacífico ou religioso, porque é um covarde, mas a verdade é que estes fracos querem algum dia ser fortes, e quando assim o forem não hesitarão de deixar Deus de lado e eles próprios partirem para cima dos inimigos para aniquilá-los. Basta analisar o caso da Roma e Judeia. Primeiramente esta com os ideais mais nobres dominou aquela e depois aquela com os ideais mais nobres, dominou esta (Ibid., 1979).

Genealogia da Moral é uma crítica de Nietzsche ao contrato Social defendido por Hobbes. A ataxofobia do homem no *Estado de Natureza* lhe deixava forte. É na

convivência em sociedade que o homem torna-se depressivo e desgostoso da vida, perde a crença, torna-se depressivo e contamina os demais de modo que a sociedade, como um todo, passa a ser uma espécie de manicômio. A Androfobia na sociedade conduz ao niilismo (Idem, p. 118).

Os doentes são o maior perigo para os sadios: não é dos mais fortes que vem para os mais fracos a calamidade, mas para os mais fracos... Decerto se não deve desejar que diminua o medo entre os homens, porque esse medo obriga os homens a serem fortes... ele mantém o tipo de homem robusto. O terrível e desastroso não é certamente o maior medo, mas o *grande desgosto do homem*... “última vontade” do homem, sua vontade de nada, o niilismo. De fato, muitas coisas já o preparam. Aqueles que têm olhos, ouvidos, nariz, percebem por todos os lados a atmosfera de um manicômio e de um hospital, em todas as partes do mundo civilizado, em toda espécie de “Europa”. Os *doentes* são o maior perigo do homem; não os *maus*, não as “feras de rapina”. Os desgraçados, os vencidos, os impotentes, os *mais fracos* são os que minam a vida e envenenam e destroem a nossa confiança... Nesse terreno pantanoso do desprezo de si mesmo cresce essa erva ruim, essa planta venenosa, pequena, oculta e adocicada. Aqui formigam os vermes de sentimentos de ódio e rancor (Ibid., 1989, p. 118-119).

5. Metodologia

Em *o mal estar na civilização*, Freud descreve que na atualidade não há mais os fóruns ou o coliseu que foram marcos arquitetônico da Roma Antiga, pois é comum que o antigo seja substituído, pelo moderno, como são os casos das atuais Metrópoles (Freud. 1978 p.01). O Planejamento Urbano, atual, é braço direito do aparato estatal, porque é ele quem determina o desenvolvimento das cidades. É na teoria, uma reflexão *multidisciplinar*, mas na prática, para não ser um aparato de opressão deve simultaneamente dar ouvidos à filosofia e à psicanálise e assim atingirá um nível mais sublime que é aquisição da ética prática, que ao ser aplicada reformula o Superego dos indivíduos e auxilia na reflexão dos principais problemas da humanidade: sexismo, racismo, segregação social, direito dos animais, fome, devastação de florestas, refugiados, intolerância religiosa, especulação imobiliária, dentre outras, que culminam nas infrações aos Direitos Humanos. (Singer, 1994).

Ética pratica ao reformular o Superego demonstra que a “*Indústria Animal*” provoca um impacto ambiental no planeta, na medida em que ela desmata hectares de florestas para a criação e alimentação dos gados e desperdiça milhões de litros de águas para regar os alimentos plantados, os quais alimentarão o gado, ao passo que milhões de outras pessoas estão não só desprovidas de alimentos, como também de terras para o cultivo do alimento. Ademais milhões de litros de água são desperdiçados para limpar a

carcaça do animal após o abate. Os estercos são lançados na terra poluindo os mananciais e matando peixes e vegetação nativa. Quando o correto seria o poder público incentivar através de campanhas, uma alimentação balanceada, com ênfase no vegetarianismo, pois ocasionaria menos danos ao planeta e um maior equilíbrio social aos homens (Singer, 2013).

A ética prática não faz o Estado organizar-se de forma excludente por temer o *parricídio*, pois ela conduz o homem a controlar a raiva que leva ao conflito, e poria fim aos debates abordado pelos filósofos psicanalistas supras. Ela mostra também, que a cura da antropofobia é possível na medida em que os homens possam aprender com os animais. Coetzee em *A Vida dos Animais* demonstrou que o homem desenvolveu a inteligência para substituir a força, mas ao mesmo tempo possui a vingança e a raiva que aplicaram torturas, guerra e a raiva dos *Nazis* aos judeus levou ao holocausto. Os animais estão preparados com chifres, garras, presas, cujas combinações podem ser fatais. Os combates por território são acirrados, mas o vencedor raramente elimina o oponente vencido. Os lobos aceitam a rendição do derrotado, mas, os humanos não possuem a mesma tolerância. (Coetzee, 2002).

A ética pratica também nos ensina, que as “bugigangas” que a China esta exportando ao mundo graças ao trabalho escravo de seus habitantes, que obrigados a produzir mais valia alimentam involuntariamente o consumismo, no qual os Governos dos demais países incentivam tais atos, advogando para as mídias que os cidadãos ganharam poder de compra e assim contribuem para o aquecimento do mercado gerando novos empregos. Nutre-se o incentivo ao culto do consumismo irracional. Os produtos já nascem depreciados. O consumismo contribui para o desperdício irracional da água. A menor bugiganga, que a China produz e que é destinada ao descarte, segundo dados da UNESCO, consome no mínimo 10 litros de água e um carro 14.800 litros de água (Correia, 2008).

O Planejamento Urbano da Grande São Paulo atende às regras Especulativas do Capital que divide os bairros destas cidades em: ricos e pobres. A especulação eleva os aluguéis e não permite que haja o aluguel social. Segundo dados do IBGE, os Bairros, mais populosos, de São. Paulo, são também os mais pobres, possuem moradias insalubres, sem saneamento básico, ruas esburacadas, creches, escolas e hospitais

escassos e sucateados. Nas periferias não se criam empregos, de modo que seus moradores trabalham geralmente ou em outras cidades, ou no centro ou em bairros mais desenvolvidos. Ademais nestes bairros periféricos o índice arbóreo é de apenas 0,20 m², quando a ONU recomenda 12,5 m² (P.M.S.B.C, 2009).

É exatamente nesta segregação que surge o Ídolo da Tribo, representada pela figura do “*Patrão*”, que comanda os guetos e da Policia que abusa do poder. Neste contexto, uma simples tatuagem de palhaço pode gerar violentas torturas ao seu portador, por parte da Policia, a qual acredita que é uma expressão de afronta a sua autoridade, quando na realidade esta tatuagem já virou um modismo entre jovens segregados. Estes absurdos ocorrem quando o homem está aglomerado vivendo num mundo esquecido e regido pelas leis do silêncio, que afrontam os direitos humanos. São nestes rincões que os velhos estão esquecidos, gravidez precoce, de abortos clandestinos, doenças sexualmente transmissíveis, alto índice de violências às mulheres e aos jovens negros. É neste contexto que na Pobreza a Policia é temida e nos bairros nobres, sinônimo de segurança.

Mas, o que nos faz pensar na Ética pratica, não é o amor ao Planeta e isto se dá porque nos somos egoístas por natureza, mas vamos ter que cooperarmos mutuamente por causa do abismo que iremos nos deparar, se deixar o especifismo nos guiar. O filosofo David Hume dizia que os homens só cooperam, quando seus interesses estão abalados. Como exemplo, vejamos as cotas sociais impostas às empresas e universidades. Sabe-se que elas são reservadas às minorias, e são obedecidas não porque a empresa reconheceu que deveria dá-las para cooperar na construção de uma sociedade equilibrada, mas sim a empresa cumpre a lei da cota, pelo medo de ser punida com multas, logo a empresa coopera porque seus interesses financeiros podem ser atingidos.

No Brasil, em meados de 2014-15, vive-se a maior crise da seca no Sudeste, então a cooperação deveria vir por parte de todos, ou seja, evita-se por parte dos Administrados o desperdício de água, e por parte do governo o dever reparar as tubulações danificadas, que desperdiçam 30 % da água tratada, além de retirar a isenção de benefício de desperdício de água às empresas, porém na realidade os pobres são punidos com o racionamento, as empresas beneficiadas com o desperdício, nos bairros ricos não faltam água, mas nos pobres o racionamento é regra, sem falar que o governo

não investe na infraestrutura e não reflorestam as cidades, os quais são métodos alternativos de combate à seca.

6. Referências

COETZEE, J. M. *A vida dos Animais* – São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CORREIA, João Carlos. *Impactos da indústria automobilística nas cidades do Estado de São Paulo e sua transformação em função do processo industrial*. 2008. Tese Doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP - São Paulo, 2008.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise. Vol. 20. Edição eletrônica, disponível para consulta em:
<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/12/obras-completas-de-sigmund-freud-23.html>

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia* – Lisboa: 2006. Edição eletrônica, disponível para consulta em:

http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_crise_da_humanidade_europeia_filosofia.pdf.

MALKASSIAN, Gérard. *Candide: um débat philosophique* – Paris: Ellipses, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral* - São Paulo: Escala, 1989.

ONFRAY, Michel. *Puissance d'exister* - Paris: Gasset, 2006.

RAPPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS Claudia. *Psicologia do desenvolvimento* – São Paulo: EPU, 1981.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. - São Paulo: Paulus, 1990.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Edição eletrônica, disponível para consulta em:

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>, em 12/16/2015.

Rousseau, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens: tradução de Lourdes Machado; introdução e notas de Paulo A. Bastide e Loutival G. Machado* – São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROZITCHNER, Leon. *Freud e o problema do poder* – São Paulo: Escuta, 1989.

SINGER, Peter. *Ética Prática* – São Paulo: Martins Fontes, 1994.

<https://marchamulheres.wordpress.com/2014/11/26/25-de-novembro-na-bahia-a-violencia-contra-a-mulher-nao-e-mundo-que-a-gente-quer/>